

Negociações ficam mais difíceis

WASHINGTON — Os balanços dos bancos norte-americanos não são um estímulo a novos empréstimos ao Brasil, "mas se não houver novos empréstimos como é que a dívida poderá ser paga?"

A pergunta foi feita por um participante das negociações da dívida brasileira, que pediu para não ser identificado, respondendo a uma consulta do Estado sobre o impacto que o balanço anual dos bancos norte-americanos poderia ter nas delicadas relações entre credores e o governo brasileiro.

"Isto já era mais ou menos esperado", ele acrescentou. "En-

quanto o devedor mantém um status que obrigue o credor a novas provisões, fica mais difícil receber novos empréstimos. Mas tem o outro lado da moeda: se não ajudarem, os credores não criam condições para recuperar o dinheiro que emprestaram."

As negociações entre o Brasil e o comitê de bancos credores continuavam, ontem, normalmente. Os banqueiros canadense, japonês, suíço, francês e alemão estavam participando da reunião, desmentindo o rumor de que se tinham afastado. "Nunca foram embora", garantiu uma fonte. A conversa saiu do impasse sobre o pagamento

dos juros de janeiro, sem superá-lo, e passou a abranger outros itens da agenda.

"As negociações estão em curso, e só não progridem tão rapidamente como gostaríamos."

O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, que voltou ao Brasil para consultas, no sábado, deverá reassumir as negociações amanhã. Ele contou à imprensa, antes de partir de Washington, que está explorando várias opções para resolver o impasse que marcou o início das negociações, e que conseguiu isolar, abrindo o diálogo em busca de um acordo de médio e longo prazo. (M.R.).